AS 3 MULHERES QUE ENTRARAM NA ARCA

SEM PERMISSÃO DE DEUS

Documento Bibliográfico e Referencial

Fontes Canônicas, Apócrifas, Pseudoepígrafas e Tradição Esotérica

Compêndio cronológico das obras consultadas para a construção da narrativa documental sobre as presenças não autorizadas a bordo da Arca de Noé, abrangendo o Gênesis canônico, o Livro de Jasar (Sefer ha-Yashar), o Livro dos Jubileus, o ciclo enoquiano, a literatura rabínica midráshica, a tradição zoárica e a cabala histórica.

Ordem cronológica · Período aproximado · Notas de uso narrativo

Nota Introdutória

O presente documento reúne, em ordem cronológica aproximada, as fontes primárias e secundárias que fundamentam a narrativa do filme-documentário *As 3 Mulheres que Entraram na Arca SEM Permissão de Deus*. Cada obra listada foi escolhida não apenas por sua relevância histórica, mas pela contribuição específica que oferece à compreensão dos eixos centrais explorados na narrativa: a contagem oficial de oito almas no decreto do Gênesis, as lacunas e silêncios do texto sacerdotal, a tradição da linhagem cainita representada por Naamah, o conhecimento transmitido pelos Vigilantes às filhas dos homens, a logística da clausura de trezentos e sessenta e cinco dias, e o reaparecimento dos gigantes nephilins na terra pós-diluviana.

As datações apresentadas seguem o consenso acadêmico majoritário, com referência aos estudos críticos mais recentes em estudos bíblicos, literatura do Segundo Templo, pseudoepígrafos judaicos, midrash clássico e cabala histórica. Quando uma obra é composta de camadas redacionais distintas, indica-se o período provável da composição final ou da redação que deu à obra sua forma reconhecível.

Este compêndio destina-se a servir como ponto de partida para o espectador que deseja aprofundar-se nas fontes originais. Ele não substitui o estudo direto dos textos, mas oferece um mapa cronológico do desenvolvimento das tradições que sustentam a narrativa.

I. Cânon Hebraico (c. 950–400 a.C.)

Camadas redacionais da Torá que estabelecem o quadro narrativo fundamental do Dilúvio, da contagem oficial das oito almas e das menções breves — quase descuidos do escriba — que abrem a fenda interpretativa explorada pela tradição posterior.

c. 950–500 a.C.

Gênesis (cap. 4). Genealogia da linhagem de Caim até Lameque. Citado no Estágio II do roteiro pela menção isolada e enigmática de *Naamah, irmã de Tubal-Caim* (Gn 4:22), única mulher cainita nomeada às vésperas do Dilúvio. A brevidade do registro e o silêncio sobre seu destino tornaram-se, na tradição rabínica posterior, o ponto de partida para a hipótese da sua sobrevivência clandestina. Edição crítica: *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

c. 950–500 a.C.

Gênesis (cap. 6:1–4). Episódio dos *bene Elohim* (filhos de Deus) que tomam por esposas as filhas dos homens, e da presença dos *nephilins* sobre a terra. Citado no Estágio I e no Estágio IV pela fórmula crucial *e também depois disto* (Gn 6:4), que registra a permanência dos gigantes no pós-Dilúvio e abre o problema central da investigação: como tal linhagem atravessou as águas?

c. 950–500 a.C.

Gênesis (cap. 7:7, 7:13 e 8:18). Repetição tríplice da contagem oficial das oito almas que entram e saem da Arca. Citado no Estágio I como base aritmética cuja insistência redacional — a fórmula é repetida três vezes em poucos versículos — sugere, segundo a leitura proposta, uma preocupação do escriba

sacerdotal em fixar um número que outras tradições poderiam questionar.

c. 950–500 a.C.

Gênesis (cap. 9:20–27). Episódio da vinha de Noé, da embriaguez, da visão da nudez paterna por Cam e da maldição lançada sobre Canaã. Citado no Estágio IV como evidência interna do texto canônico para a presença de um pacto familiar quebrado, lido pela tradição rabínica como manifestação pública de uma transgressão iniciada ainda na Arca.

c. 950–500 a.C.

Gênesis (cap. 10). Tábua das Nações. Descendência de Sem, Cam e Jafé. Citado no Estágio IV pela emergência da figura de Nimrod (Gn 10:8–12), *valente caçador diante do Eterno*, na linhagem camita via Cuche — fundador de Babel e, segundo Jasar, dotado de estatura sobre-humana.

c. 950–500 a.C.

Gênesis (cap. 11:1–9). Episódio da Torre de Babel sob a liderança implícita de Nimrod. Citado no Estágio IV como primeira manifestação pública e organizada do conhecimento que, segundo a hipótese narrativa, atravessou o Dilúvio com as três intrusas: a reunificação de saberes originalmente revelados pelos Vigilantes às filhas dos homens.

c. século VIII–VI a.C.

Referência interna do Antigo Testamento ao Livro de Jasar. Mencionado em Josué 10:13 e 2 Samuel 1:18 como testemunha de eventos antigos preservados fora do cânon. Citado no Estágio I como autoridade literária interna que valida a consulta a Jasar como fonte legítima de tradições paralelas ao Gênesis.

II. Literatura do Segundo Templo e Pseudoepígrafos (c. 300 a.C.–100 d.C.)

Período de intensa produção apocalíptica em que os silêncios do Gênesis sobre o Dilúvio foram preenchidos por elaborações detalhadas acerca dos Vigilantes, da contaminação antediluviana e do destino dos espíritos impuros após o juízo das águas.

c. século III a.C.

Livro dos Vigilantes (1 Enoque, caps. 1–36). Núcleo mais antigo do corpus enoquiano, preservado integralmente em ge'ez (etíope) e parcialmente em aramaico nos manuscritos de Qumran (4QEn). Contribuição central para o Estágio II e o Estágio III: catálogo nominal dos ensinamentos proibidos transmitidos pelos Vigilantes às filhas dos homens — Azazel ensinou a forjar armas e adornos; Semjaza, encantamentos; Armaros, a desfazer feitiços; Baraqijal, astrologia; Kokabel, as constelações; Penemu, a escrita amarga e doce (1 En 8:1–3). Esta é a lista exata de saberes que, segundo a leitura proposta, foi contrabandeada para dentro da Arca. Edição crítica: George W. E. Nickelsburg, *1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1–36; 81–108*, Hermeneia/Fortress Press, 2001.

c. século II a.C.

Livro dos Jubileus (caps. 5, 7 e 10). Reescrita expansiva do Gênesis preservada integralmente em ge'ez, com fragmentos hebraicos em Qumran (4QJub). Contribuição em três frentes: (a) o cap. 5 amplia o relato da corrupção pré-diluviana e da decisão do julgamento; (b) o cap. 7 narra o episódio da vinha e da nudez de Noé com detalhes ausentes no texto canônico, citado no Estágio IV; (c) o cap. 10 — passagem absolutamente central para o Estágio III e o Estágio IV — registra a oração de Noé pedindo que os *espíritos imundos* que atormentavam seus netos fossem aprisionados, e a resposta divina que permite que um décimo deles permaneça sobre a terra. A passagem é a fenda lógica explorada pela narrativa: a origem desses espíritos no mundo pós-Dilúvio. Edição: James C. VanderKam, *The Book of Jubilees*, Peeters, 1989.

c. século II a.C.–I d.C.

Manuscritos do Mar Morto (Qumran). Conjunto de mais de novecentos manuscritos descobertos entre 1947 e 1956. Contribuições específicas ao roteiro: fragmentos aramaicos do Livro de Enoque (4QEna–g), o *Apócrifo do Gênesis* (1QapGen), com expansões sobre Noé e Lameque, e o *Livro dos Gigantes* (4Q203, 4Q530–532, 6Q8), que detalha a existência consciente dos nephilins antes de seu

afogamento. Edição: *Discoveries in the Judaean Desert*, Oxford University Press, 40 volumes.

c. século I d.C. (camadas anteriores)

Sefer ha-Yashar (Livro de Jasar). Texto midráshico-narrativo tardio cuja redação reconhecível situa-se no medievo (provavelmente Nápoles, séc. XVI, com primeira edição impressa em Veneza, 1625), mas que compila tradições aggádicas com camadas significativamente mais antigas. Citado em múltiplos estágios do roteiro: (a) no Estágio I, pela descrição da multidão desesperada diante da rampa da Arca e da afirmação de que nem todos os que tentaram tocá-la foram repelidos; (b) no Estágio II, pela identificação das esposas dos filhos de Noé como filhas de Eliakim, filho de Matusalém, e pelas ambiguidades dessa lista; (c) no Estágio III, pela descrição da mansidão antinatural dos animais durante a clausura e do recuo de certas espécies diante de certas presenças; (d) no Estágio IV, pela descrição expandida de Nimrod, sua força sobre-humana e o uso das peles de Adão preservadas na Arca. Edição de referência em inglês: *The Book of Jasher, Referred to in Joshua and Second Samuel*, tradução de Moses Samuel, ed. J. H. Parry, Salt Lake City, 1887.

c. século I d.C.

2 Enoque (Enoque Eslavo), caps. 7 e 18. Apocalipse preservado em eslavônico antigo. Citado no Estágio III pela descrição dos Vigilantes ainda aprisionados nos céus inferiores após o juízo, e pela elaboração topográfica do confinamento espiritual que ressoa com a doutrina dos espíritos remanescentes em Jubileus.

III. Literatura Rabínica e Midráshica (c. 100–900 d.C.)

Consolidação das tradições aggádicas sobre o Dilúvio e fixação das principais hipóteses interpretativas sobre Naamah, sobre a logística da clausura e sobre o pacto de silêncio dos filhos de Noé.

c. século III–V d.C.

Bereshit Rabbah (Midrash Rabbá ao Gênesis), seções 23, 30 e 36. Midrash exegético compilado na Palestina por volta do século V. Contribuição central para o Estágio II: na seção 23, comentário direto sobre Gn 4:22 que identifica *Naamah* como esposa de Noé (segundo Rabi Aba bar Cahana) ou, em outras tradições, como figura associada à geração antediluviana cujo nome *(na'amah, agradável)* remete à sedução. As seções 30 e 36 elaboram o episódio da vinha de Noé. Tradução crítica: H. Freedman e Maurice Simon, *Midrash Rabbah,* Soncino Press, 1939.

c. século IV–V d.C.

Talmude Babilônico, tratado Sanhedrin 108a–108b. Discussão rabínica sobre o Dilúvio. Contribuição direta para o Estágio III: a tradição segundo a qual Noé não dormiu durante os doze meses de clausura, alimentando os animais em horários distintos — fundamento da hipótese narrativa de que existia um intervalo logístico em que rações poderiam ser distribuídas por mãos não vigiadas. Inclui também a discussão sobre a corrupção da geração do Dilúvio e a permanência de Og, identificado em tradições paralelas como sobrevivente das águas.

c. século VIII–IX d.C.

Pirkê de-Rabbi Eliezer, caps. 22 e 23. Compilação midráshica que reúne tradições aggádicas antigas. Contribuição central para o Estágio II e o Estágio IV: o cap. 22 identifica explicitamente Naamah como mãe de demônios e a associa à geração corrompida pelos Vigilantes; o cap. 23 narra o Dilúvio com detalhes sobre a entrada na Arca, a duração da clausura e o destino dos seres que tentaram embarcar à força. Edição: Gerald Friedlander, *Pirkê de Rabbi Eliezer*, Sepher-Hermon Press, 1916/1981.

c. século V–IX d.C.

Midrash Tanhuma (Buber), parashá Noach, sec. 9 e 11. Compilação homilética com camadas que remontam ao período amoraico. Contribuição direta para o Estágio III: a tradição da insônia integral de Noé durante a travessia, e a passagem em que o patriarca encontra as gamelas dos animais já preenchidas em certas noites — atribuído por ele a anjos auxiliadores, lido pela narrativa do filme como evidência de presenças humanas ocultas. Edição: Salomon Buber, *Midrash Tanhuma*, Vilna, 1885.

IV. Tradição Esotérica, Cabalística e Zoárica (c. 1100–1700 d.C.)

Tradição mística judaica que fornece o vocabulário interpretativo mais denso da narrativa: a doutrina das kelipot (cascas impuras), o Sitra Achra (Outro Lado), a figura de Lilith como consorte de Samael e o papel atribuído a Naamah na ginecologia demoníaca.

c. 1280–1286

Zohar (Sefer ha-Zohar), Bereshit I:55a e I:148b; Vayikra III:76b–77a. Comentário esotérico à Torá em aramaico medieval, redigido pelo círculo de Moisés de León na Castela. Contribuição absolutamente central para o Estágio II e o Estágio III: a identificação de Naamah como uma das quatro mães dos demônios — ao lado de Lilith, Agrat e Mahalath — e como consorte de Samael; a descrição dos sonhos perturbadores que atormentaram as mulheres da casa de Noé durante a clausura; e a doutrina segundo a qual certos conhecimentos transmitidos pelos Vigilantes encontraram, através de portadoras femininas, a forma de atravessar o juízo das águas. Edição inglesa de referência: *The Pritzker Zohar*, tradução e comentário de Daniel C. Matt, Stanford University Press, 12 volumes, 2003–2017.

c. século XIII

Tratado dos Espíritos Impuros (Zohar Hadash, Bereshit). Material zoárico complementar. Contribuição: elaboração sobre a descendência espiritual de Naamah e sua suposta presença pós-diluviana, tema lido no Estágio IV como base para a permanência dos espíritos imundos registrados em Jubileus 10.

séculos XIV–XVII (camadas)

Sefer ha-Razim (Livro dos Mistérios). Tratado mágico hebraico cuja redação medieval atribui-se pseudoepigraficamente a Noé, recebido de Rafael. Contribuição para o Estágio III: o pressuposto de uma transmissão de saberes ocultistas atravessando o Dilúvio sob a guarda de figuras da casa noáquica, e o vocabulário das técnicas de ocultação à percepção espiritual. Edição crítica: Mordecai Margalioth, *Sefer ha-Razim*, Yediot Acharonot, 1966.

V. Tradição dos Gigantes Pós-Diluvianos (Antigo Testamento e expansões)

Corpus de textos que documenta a persistência dos nephilins e de suas linhagens — refains, anaquins, emins, zuzins, gibborim — na terra pós-Dilúvio, oferecendo a evidência canônica que sustenta o desfecho do Estágio IV.

c. século VII–VI a.C.

Deuteronômio (caps. 2 e 3). Catálogo dos gigantes que habitavam Canaã e Transjordânia: emins, zuzins, refains, anaquins. Citado no Estágio IV pela descrição da cama de ferro de Og, rei de Basã, com nove côvados de comprimento (Dt 3:11) — registro canônico explícito da presença de gigantes séculos após o Dilúvio, anomalia que a narrativa do filme se propõe a explicar.

c. século VIII–VII a.C.

Números (cap. 13:32–33). Relato dos doze espias que retornam de Canaã descrevendo os *filhos de Anaque, dos nephilins*, diante de quem se sentiam como gafanhotos. Citado no Estágio IV como evidência canônica do reaparecimento explícito dos nephilins pós-Dilúvio.

c. século X–VI a.C.

1 Samuel (cap. 17). Episódio de Golias de Gate, com seus seis côvados e um palmo de estatura. Citado no Estágio IV, juntamente com as referências a outros gigantes filisteus em 2 Samuel 21:15–22 — Isbi-Benob, Safe, Lami, irmão de Golias, e o homem de seis dedos em cada mão e pé — como continuação documentada da linhagem proibida no território cananeu, geograficamente associado à descendência de Canaã, filho de Cam.

VI. Estudos Críticos Modernos (séc. XIX–XXI)

Bibliografia secundária essencial para a compreensão histórica, crítica e literária das fontes primárias listadas acima.

Ginzberg, Louis. *The Legends of the Jews*, vols. I e V. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1909–1925. — Compilação monumental das tradições aggádicas sobre Noé, a Arca e Naamah, com aparato de fontes exaustivo.

Charles, R. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament in English*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1913. — Edição fundacional do corpus pseudoepígrafo em inglês.

Nickelsburg, George W. E. *1 Enoch 1: A Commentary on the Book of 1 Enoch, Chapters 1–36; 81–108*. Minneapolis: Hermeneia/Fortress Press, 2001.

VanderKam, James C. *The Book of Jubilees*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001.

Reed, Annette Yoshiko. *Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity: The Reception of Enochic Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. — Estudo definitivo sobre a recepção da literatura enoquiana e da tradição dos Vigilantes.

Stuckenbruck, Loren T. *The Myth of Rebellious Angels: Studies in Second Temple Judaism and New Testament Texts*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2014.

Doedens, Jaap. *The Sons of God in Genesis 6:1–4: Analysis and History of Exegesis*. Leiden: Brill, 2019.

Patai, Raphael. *The Hebrew Goddess*. 3ª ed. Detroit: Wayne State University Press, 1990. — Capítulos sobre Lilith e Naamah na demonologia hebraica.

Scholem, Gershom. *Kabbalah*. Jerusalem: Keter Publishing, 1974. — Verbetes *Lilith*, *Naamah* e *Samael*.

Bamberger, Bernard J. *Fallen Angels: Soldiers of Satan's Realm*. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1952. — Estudo clássico sobre a evolução da figura dos anjos caídos na tradição judaica.

Wright, Archie T. *The Origin of Evil Spirits: The Reception of Genesis 6:1–4 in Early Jewish Literature*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. — Análise da gênese da demonologia judaica a partir do episódio dos Vigilantes e suas conexões com Jubileus 10.

Najman, Hindy. *Seconding Sinai: The Development of Mosaic Discourse in Second Temple Judaism*. Leiden: Brill, 2003.

Nota Final sobre a Natureza desta Bibliografia

O filme-documentário *As 3 Mulheres que Entraram na Arca SEM Permissão de Deus* constitui uma obra de narrativa criativa fundamentada em fontes históricas reais. A seleção, a articulação e a interpretação dessas fontes são obra autoral, e não representam necessariamente o consenso de qualquer tradição religiosa ou escola acadêmica.

As tradições aqui listadas — canônica hebraica, enoquiana, pseudoepígrafa, qumrânica, rabínica midráshica, zoárica e cabalística — não formam, em sua origem histórica, um sistema unificado. Cada uma desenvolveu-se em contextos específicos, com pressupostos teológicos próprios e, em muitos casos, em explícita oposição mútua. O cânon rejeita, por princípio, a maior parte das narrativas pseudoepígrafas; o midrash clássico mantém com a literatura enoquiana uma relação ambivalente; o zohar interpreta o texto bíblico a partir de pressupostos místicos que o redator sacerdotal do Gênesis não compartilharia. A obra audiovisual aproxima esses corpora distintos para construir uma narrativa mítica coerente, na tradição da literatura especulativa que reúne, sob uma única tessitura poética, materiais originalmente dispersos.

Recomenda-se vivamente ao espectador interessado o estudo direto das fontes primárias em edições críticas, bem como a consulta dos estudos acadêmicos modernos listados na seção VI. A profundidade real desses textos só se revela no contato direto com eles, e a presente narrativa funciona, na melhor das hipóteses, como um convite a esse estudo.

*Documento referencial preparado como complemento de pesquisa
ao filme-documentário homônimo.*